

UM DIÁLOGO COM A LITERATURA – APROXIMAÇÕES A UMA ANÁLISE TEOLÓGICO- FILOSÓFICA DO ROMANCE “UM CONTO DE NATAL” DE CHARLES DICKENS

A dialog with Literature – Approaches to a theological-philosophical analysis of the Charles Dickens’ novel “A Christmas Carol”

Elissa Gabriela Fernandes Sanches¹

Regina de Cássia F. Sanches²

RESUMO

Recentemente, a teologia têm ampliado ainda mais suas discussões para questões contemporâneas, para novos diálogos e análises utilizando novas mediações. Esse artigo se propõe a trabalhar com uma dessas mediações, a literatura, e portanto procura desenvolver um outro tipo de diálogo: entre a narrativa do romance Um Conto de Natal escrito por Charles Dickens, e as compreensões teológico-filosóficas acerca do mal humano, com base nas teorias acerca da Banalização do Mal de Hannah Arendt e na teologia da humanização, a qual busca também responder às questões levantadas por meio da proposição da Teologia da Pericorese Trinitária, discutida por diversos autores. O diálogo visa

¹ Graduanda em Teologia na FNB – Faculdade Nazarena do Brasil, Campinas, SP. Curso de Bacharel em Biomedicina (Centro Universitário Izabela Hendrix. Incompleto). Contato: elissagabriela@sabercriativo.com.br.

² Artigo orientado pela profa. Regina Fernandes Sanches, Mestra em Teologia e Práxis (FAJE) e em Missiologia.

contribuir para o debate acerca da humanização e desumanização no mundo, tendo como base o comportamento do personagem dickensiano: o Sr. Scrooge.

Palavras-chave: Questões sociais; humanização; perichoresis; banalização do mal; Charles Dickens.

ABSTRACT

Recently theology has been increasingly expanding its discussions to new contemporary issues, to new dialogues and analyses by using new approaches. This paper intends to work with one of these mediations, literature, and, therefore, seeks to develop another kind of dialogue: between the narrative of the novel *A Christmas Carol*, written by Charles Dickens, and the theological-philosophical comprehensions of the human evil, based on Hannah Arendt's theories of the Banality of Evil and the humanization theology, which also seeks to answer the questions posed by the proposition of the Trinitarian Perichoresis Theology, discussed by several authors. This dialogue seeks to contribute to the debate on humanization and inhumanization of the world, based on the behavior of the Dickensian character: Mr. Scrooge.

Keywords: social issues; humanization; perichoresis; banality of evil; Charles Dickens.

INTRODUÇÃO

Charles Dickens foi um autor inglês que nasceu em 7 de Fevereiro de 1812 na cidade de Landsport, no sudoeste da Inglaterra. Sua família era composta por mais sete crianças, e seu pai possuía dificuldades para controlar a estrutura financeira da casa, frequentemente envolvendo-se em dívidas. Aos 11 anos Dickens, juntamente com sua família, mudou-se para Londres, e lá, Charles começou a inserir-se na vida fabril, nas fases iniciais da Revolução Industrial. Em Londres seu pai chegou a ser preso por dívidas, e solto três meses depois graças a uma herança recebida, o que permitiu a Dickens ingressar em uma escola pela primeira vez. Ainda assim, ele nunca se viu livre da responsabilidade de ajudar na manutenção da família, assumindo sequencialmente vários serviços, até começar a sua

carreira no jornalismo. A partir de então, Dickens foi convidado para escrever várias histórias, que se transformaram nos livros que conhecemos atualmente.³

O romance “Um Conto de Natal” foi publicado pela primeira vez em 19 de Dezembro de 1843, na forma de livro, com ilustrações de John Leech, um caricaturista e ilustrador inglês da época. Ele conta a história de Scrooge, um contador rico, egoísta e avarento. Todos os seus defeitos o transformaram em um ser completamente desumanizado. Após a morte do ex-sócio, Jacob Marley, Scrooge recebeu a visita do fantasma do ex-colega, que o alertou a respeito da visita de três Espíritos Natalinos nas três noites que se seguiriam. Então, iniciou-se a contagem regressiva, pois foi dito que os Espíritos apareceriam sempre no mesmo horário. O primeiro Espírito representava os Natais Passados de Scrooge, o segundo, o Natal Presente e o terceiro, os Natais Futuros. O Natal Passado era bondoso e iluminado, o Natal Presente era grande e risonho enquanto o Natal Futuro era obscuro e misterioso, somente uma sombra que apontava as direções para onde Scrooge deveria seguir.

Após as visitas, Scrooge raciocinou sobre tudo o que viu: a pobre família de seu funcionário Bob Cratchit e o filhinho pequeno e frágil chamado Tim. Também relembrou em sua história o quanto amava os natais quando era criança e adolescente, além de ter percebido que, por não ter ninguém, nenhum amigo ou companheira ou até mesmo filhos, estava fadado a uma morte completamente solitária. A partir de então, Scrooge decidiu assumir outra postura perante o mundo, e passou a cumprir o papel de uma pessoa mais solidária e generosa e deixar o amor humanizar o seu coração.

² Charles Dickens, *cronologia bibliográfica*. L&PM. Disponível em: http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=520649. Acesso em 21 abr. 2014.

Assim, o objetivo central deste artigo é discorrer acerca do mal humano, a partir da ótica da banalização do mal apontada por Hannah Arendt e da teologia da humanização à luz de teólogos latino-americanos e europeus, como é o caso de Jürgen Moltmann, como temas possíveis de se relacionar com o comportamento desumanizado de Scrooge. Também pretende adentrar à questão da submissão humana a sistemas desumanizadores, e, em função da análise, empenhar-se em uma aceitável resposta teológica para toda a complexa questão que foi levantada. De forma geral, a intenção do texto é apreender e relacionar a ideia central da narrativa de “Um Conto de Natal” para repensar a respeito da realidade humana e social que se apresenta, e o quão difícil é transformá-la, mas não impossível, assim como Dickens comenta:

Nunca mais Scrooge encontrou os espíritos, mas desde aquele dia passou a viver sob o Princípio da Generosidade Total. E todos concordavam em dizer que ali estava um homem que sabia celebrar o Natal e manter seu espírito vivo o ano todo - se é que algum homem consegue isso. Que o mesmo possa ser dito de cada um de nós. E, como dizia o pequeno Tim, que Deus abençoe cada um de nós!⁴

1 BREVE ANÁLISE DA HISTÓRIA

Falar de esperança para um novo mundo sem envolver-se em formas concretas de fazer dele um lugar melhor para viver é negar a própria esperança; [...] Ter a esperança de que o mundo será redimido e não executar ação redentora alguma no mundo é uma blasfêmia.

Orlando E. Costas⁵

O que se pensa quando se reflete a respeito da “humanização”? Sabe-se que ela está intrinsecamente relacionada à ideia da ética e da moral, e, no caso de Dickens é representada pela atitude de generosidade.

⁴ DICKENS, Charles. *Um conto de natal*. São Paulo: L&PM, 2003. p. 13.

⁵ COSTAS, Orlando. Enrique. La vida en el Espíritu. *Boletín Teológico*, n. 18, 1986, p. 59. Tradução própria.

A humanização aqui abordada corresponde à condição do indivíduo de preocupar-se com a criação de Deus como um todo, embasada no sentimento do amor, da compaixão, da bondade, da generosidade e do cuidado. Ela é completamente contrária ao que se observa hoje no cenário de injustiça e sofrimento de pessoas e grupos em todo o mundo, e para o qual se busca explicações. Logo, não deixa de ser interessante de se perceber na história os argumentos que Dickens utiliza para tratar do assunto no papel da desumanidade de Scrooge:

[...] o frio e o calor tinham pouca influência sobre Scrooge. Calor algum podia aquecê-lo e nem o vento de inverno esfriá-lo. Nenhum vento que soprasse era mais áspero que ele, nenhuma neve que caísse era mais insistente e determinada em seus propósitos e nenhum temporal podia ser mais desagradável. O tempo ruim não o impressionava. A chuva, a neve e o granizo só tinham uma vantagem sobre ele: caíam com graça, e Scrooge não tinha graça nenhuma.⁶

Dickens expõe exatamente o contraste entre a frieza do coração daqueles que têm e não abrem mão de suas posses, e a necessidade daqueles que não tem e vivem em condições precárias de vida.

Perante esse contexto, como a Teologia pode contribuir com uma análise e práticas efetivas, como porta-voz da natureza humana e da reflexão social à luz do conhecimento de Deus e de Sua criação? Nesta situação, ela deve subjetivar a condição social de muitos e racionalizá-las em busca de respostas profundas e duradouras. Hugo Assman, teólogo brasileiro considerado um dos pioneiros da Teologia da Libertação, é bastante explícito neste ponto:

[...] a teologia que temos não é muito saudável para a vida humana; os teólogos deveriam refletir mais, de forma interdisciplinar, sobre um emprego sábio, um uso não excessivamente estressante, das limitadas energias humanas disponíveis nos seres humanos concretos.⁷

⁶ DICKENS, 2003. p. 13.

⁷ SUSIN, Luiz Carlos. *E o mar se abriu*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 117.

Para utilizar essa energia humana que Assman diz ser limitada, é necessário mirá-la em algo concreto, como um projeto de transformação social. Charles Dickens propôs a ideia do Natal como fomentadora de uma reflexão humanizadora que lança a pergunta: quais corações precisam ser transformados? Todo ser humano deve estar sempre ressignificando a sua própria humanidade, para não perdê-la ante à tentação do poder, dinheiro, status, e de uma suposta felicidade que geram. Na proposta de Dickens, o espírito natalino conforta os corações de cada um, por meio do calor de vários sentimentos agradáveis, principalmente da generosidade, e que geralmente se apagam no restante do ano. Scrooge simboliza o espírito daqueles que se recusam a uma mudança em prol da própria comunhão humana, em função de si mesmos:

Scrooge era um tremendo pão-duro! Um velho sovina, avarento, mesquinho, unha de fome e ganancioso! Duro e áspero como uma pedra de amolar, não era possível arrancar dele a menor faísca de generosidade. Era solitário e fechado como uma ostra. A sua frieza congelou o seu rosto e encompridou ainda mais o seu nariz pontudo, murchou as suas bochechas e endureceu o seu caminhar; deixou seus olhos vermelhos, azulou seus lábios finos e tornou ferino o tom de sua áspera voz. [...] Onde ia, levava consigo sua frieza, que gelava o escritório nos dias mais quentes do ano e não degelava nem um grau no Natal.⁸

Todas as características descritas no trecho revelam um ser sem vida, de face inexpressiva e que ausentava qualquer sinal de interesse pelo próximo. Ele não era mau, não era cruel, não era doente, só enxergava as pessoas como se fossem suas tabelas contábeis. A comunicação entre ele e as pessoas se dava no âmbito das relações de trabalho exclusivamente, com exceção de seu empregado, que, na história, era alguém absolutamente submisso e generoso. É clara a dualidade na história: o rico é avarento e o pobre é generoso. Deste modo, Dickens faz refletir na narrativa por ele

⁸ DICKENS, 2003, p. 13.

criada a própria desigualdade social e moral recorrente em seu contexto – afinal, era época de revolução industrial, as discussões acerca da opressão trabalhista estavam começando a se aquecer –, e tal conflito é encontrado até nos dias atuais, como um problema ainda mal resolvido.

2 LITERATURA, TEOLOGIA E OS PROBLEMAS SOCIAIS

A literatura pode vir a ser uma das ricas ferramentas da Teologia onde encontrará modelos de discussão em vista de novas estruturas sociais. A Teologia Contemporânea requer amplo diálogo e mediações teóricas, além da Sociologia e da Filosofia, a Literatura é uma de suas possibilidades.

Em diálogo, o olhar teológico não somente é necessário, mas obrigatório diante da realidade social contemporânea, para organizar novas propostas a fins de alterar o ciclo sócio-histórico hegemônico, de opressores e oprimidos. Quando bem trabalhada, em conjunto com outras áreas do conhecimento, a Teologia pode subsidiar ações efetivas de transformação social para promover a libertação das desumanidades e das condições de dependência.

Elsa Támez, teóloga mexicana, comentou que: “[...] Deus justifica (faz e declara justo) ao ser humano para que transforme o seu mundo injusto que o exclui, o mata e o desumaniza.”⁹ Ela refere-se ao chamado “pecado estrutural”¹⁰ que se apresenta em:

[...] toda manifestação [...] que transcende o âmbito individual e se concretiza em dimensões históricas, objetivas, com suas estruturas, agentes e mecanismos: assim, por exemplo, o racismo, o militarismo, a mortalidade infantil, a dívida externa, representam uma corporização do pecado que contradiz o plano salvífico de Deus.¹⁰

⁹ TAMEZ, Elsa. *Contra toda condena*. Costa Rica: Ediciones SEBILA, 1991. p. 17. Tradução própria.

¹⁰ TAMEZ, 1991, p. 16. Tradução própria.

Elsa, portanto, aponta que não está nos planos de Deus uma criação deficitária, desigual, em que alguns subjagam e desumanizam. A justificacão, possível por meio da Sua própria graça a partir da fé daquele que Nele crê – e que Elsa concorda alegando que ela foi desvirtuada pela própria Igreja atual¹¹ – têm como propósito livrar o ser humano de sua condição inferiorizada, de submissão social, pois junto a ela segue a nova vida, que consiste em um novo olhar sobre a realidade e ações concretas para transformá-la, por meio do amor justificador de Deus, que orienta os coracões “humanos”. Ela também aponta que:

[...] o primeiro sinal de vida é o redescobrimento da imagem de Deus na humanidade afogada pelo pecado, ali onde espreita a morte [...]. O ser humano foi criado por Deus à sua imagem e semelhança para conviver, viver e dar vida. Somos criação de Deus e de uma mesma procedência.¹²

Lendo Dickens por esse “portal” teológico, verificamos que a questão aqui discutida e apresentada na história do livro não é a de como organizar uma forma para tornarmos a todos ricos e muito menos tornarmos a todos pobres, mas, sim, de abrir-nos para uma outra consciência humana, que desperta para novas concepções de amparo social e cuidado do outro, portanto, que induz a uma mente mais alerta e preocupada com as injustiças sociais.

3 A BANALIZAÇÃO DO MAL EM SCROOGE

Adão foi chamado por Deus de *Shomer* (Genesis 2:15), termo que significa, em hebraico, o ‘guardião’: ‘Tomou, pois, o Senhor Deus o homem e colocou-o no paraíso de delícias para que o cultivasse e guardasse’, e não para que o possuísse com vio-

¹¹ TAMEZ, 1991, p. 37.

¹² Teologia de Orlando Costas em Perspectiva. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/19430/19430_3.PDF. PUC-Rio. p. 73. Acesso em: 02 mai. 2014.

lência e desprezo. Por que tanta arrogância em se arrolar senhores de um Éden que não nos pertence? Por que abandonar valores verdadeiros? Agimos sob a compulsão do fazer, sem termos capacidade de prever de fato as consequências do que fazemos.

Ruth Kelson

Elliot L. Gilbert, ex-docente na Universidade da Califórnia, menciona em seu artigo: “*The Ceremony of Innocence: Charles Dickens’ A Christmas Carol*” o que ele considera de verdadeiro teor na história do livro “Um Conto de Natal”. Ele afirma que:

Assim, [a história do livro] Um Conto de Natal é no mínimo uma falha parcial como a fábula moral de um homem expiando anos de maldade com algumas horas de generosidade, ou como um documento social sobre um mundo em que obrigações humanas podem ser satisfatoriamente descarregadas com alguns gestos aleatórios de caridade, ou como um caso de história psicológica de um maníaco depressivo temporariamente transformado pela sentimentalização do Natal e da auto-piedade, então é mais correto ver como um estudo metafórico da busca pelo ser humano, e redescoberta de sua própria inocência.¹³

Elliot argumenta, de modo geral, que a novela “Um Conto de Natal” não deve ser vista somente como uma fábula moral, e nem como qualquer história a respeito de um personagem que é perdoado de seus pecados após ser convertido para uma condição de generosidade total, mas sobretudo no fato que a história não só apresenta a profunda transformação ocorrida no personagem principal: Scrooge; como fornece caminhos para se enxergá-la também sob a ótica da própria inocência humana perante um sistema maior, fazendo lembrar a teoria da “Banalização do Mal” apresentada pela filósofa Hannah Arendt.

A ideia da “Banalidade do Mal” foi desenvolvida por Hannah após ter presenciado o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém, um

¹³ GILBERT, Elliot L. *The ceremony of innocence*. MLA, v. 90, n. 1, p. 24, Jan. 1975.

ex-nazista que contribuiu para a morte de milhares de judeus durante a sua participação no exército alemão. Ela assistiu ao evento como repórter do *The New York Times*, e alegou ter se surpreendido com o que se deparou nas horas corridas da cerimônia em todo o cenário que encontrou. Ela afirma que:

[...] a conspícua superficialidade do agente tornava impossível rastrear o mal incontestável de seus atos em suas raízes ou em seus motivos em níveis mais profundos. Os atos eram monstruosos, mas o agente [...] era bastante comum, banal. E não demoníaco ou monstruoso. [...] a única característica notória que se podia perceber [...] era algo de inteiramente negativo: não era estupidez, mas irreflexão.¹⁴

Por conseguinte, conclui que o ser humano atua sob um sistema mal e corrupto, servindo-o muitas vezes incondicionalmente. No entanto, foi-lhe dada a capacidade racional e moral para que possa lutar contra a servidão e se libertar das cordas que o transformam em um completo autômato. Assim como Eichmann, a força motriz do Sr. Scrooge não era a maldade intrínseca. Em nenhum momento Scrooge procurava se mostrar cruel com o seu próximo, pois isso exigiria um nível de relacionamento inter-pessoal que ele simplesmente não possuía.

Dessa forma, ele era, como muitos, um simples dente da engrenagem que abarca a grande estrutura desumanizante das antigas e atuais sociedades. Não lhe interessava racionalizar tal situação e desenvolver formas para o não envolvimento, pois a ele somente importavam os débitos do final do mês e as cobranças que deveria fazer aos seus devedores. Isso é perceptível em vários trechos, por exemplo: momentos antes da visita do primeiro Espírito Natalino - que se afirma ser o Natal Passado - Scrooge ficou nervoso com o relógio pois este travou instantaneamente à meia-noite, assim como os sinos fizeram 12 badaladas. Entre-

¹⁴ Apud KELSON, Ruth. Hannah Arendt e o âmbito do conceito de Banalidade do Mal. PUC-SP, São Paulo, 2011. p. 31.

tanto, pelo desenrolar dos acontecimentos, parecia ser muito mais tarde que isso. Com medo do dia não estar passando ele abriu a janela e descobriu que era noite ainda, nisso Scrooge “sentiu um grande alívio, porque as promessas de pagamento de dívidas que as pessoas tinham assinado para ele tinham datas, e perderiam seu valor se não fosse mais possível contar os dias”.¹⁵

Neste sentido, o sistema então atua como uma ferramenta desumanizadora, que prende a condição humana em supostas necessidades, ambição, ganância, mediocridade e que se alimenta disso. Em consequência, o argumento de Elsa Támez no primeiro tópico, acerca do “Pecado Estrutural”, pode ser complementado com o fato de que muitos seres humanos parecem não ter noção da extensão de seus atos, justamente por acreditarem que vivem somente consigo mesmos.

Contudo, tal justificativa não pode servir de desculpa para nenhuma ação desumana. O próprio Dickens deixa isso bem claro durante um dos trechos da conversa entre Scrooge e o fantasma de Jacob Marley, seu ex-sócio, quando este o visita para alertar sobre a passagem de três espíritos natalinos nas noites que se seguiriam. Nesse momento, Scrooge tenta aliviar a própria consciência ao elogiar a habilidade de Marley perante o trabalho que exercia quando em vida:

[...] – Mas você sempre foi um excelente homem de negócios, Jacob! – gaguejou Scrooge, tentando justificar a si mesmo com aquelas palavras.

– Negócios?! – gritou o Fantasma, torcendo novamente as mãos.
– A boca da fraternidade e do bem comum é que deveria ter sido o meu negócio. A caridade, a misericórdia, a tolerância, a paciência, a bondade, tudo isso era parte do meu negócio e eu não sabia. Meus assuntos financeiros eram apenas uma gota d’água no enorme oceano dos meus negócios!¹⁶

¹⁵ DICKENS, 2003. p. 28.

¹⁶ DICKENS, 2003, p. 25.

Marley tenta convencer Scrooge a repensar a respeito de sua situação no mundo, de forma a perceber que existem mais pessoas cercadas por atitudes humanas do que ele imagina. Obviamente, Scrooge não se deixa induzir facilmente pela visão fantasmagórica de seu ex-colega de trabalho, e após vê-lo desaparecer em meio a um grupo imenso de vários outros fantasmas presos aos seus respectivos pecados cometidos em vida, procura se esvaír de todo o acontecimento ocorrido. Somente um evento irreal, como a aparição dos “espíritos natalinos”, seria capaz de despertar o amor, a generosidade e a humanidade que deveria estar presente no coração gelado de Scrooge, e contextualizando, de muitas outras pessoas.

4 A PERFEITA COMUNHÃO DE DEUS: UMA RESPOSTA TEOLÓGICA

A doutrina da ‘pericorese’ liga de maneira genial a trindade e a unidade, sem reduzir a trindade à unidade, ou diluir a unidade na trindade. Na eterna ‘pericorese’ das pessoas trinitárias reside a união da Trindade.

Jürgen Moltmann¹⁷

Um dos possíveis tratamentos teológicos e em função de uma nova consciência encontrada na história de Um Conto de Natal, está associado a proposta da comunhão humana no mundo. A análise pode ser realizada por meio da Teologia da Pericorese da Trindade – um conceito bastante trabalhado pelos teólogos Jürgen Moltmann, Karl Barth e, contemporaneamente, por Leonardo Boff e Pe. João B. Libânio.

Ela parte do princípio de que a Trindade é uma relação não-hierárquica entre três pessoas que estão de distintas maneiras envolvidas na criação. A proposta de *des*-hierarquização das relações humanas é de difícil compreensão pelo próprio ser humano, uma vez que trabalhar com a au-

¹⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Trindade e reino de Deus*. Porto Alegre: Vozes, 2000. p. 182.

sência de um certo nivelamento passa a impressão de desordem, e consequentemente, de caos.

O conceito da pericorese comunica que, na relação de comunhão, as pessoas trinitárias convivem de maneira perfeita entre si. Essa relação tão distinta desperta a ideia de que, sendo o ser humano feito à imagem e semelhança de Deus, ele também foi criado para conviver em comunhão com Deus, com o seu/sua semelhante e com toda a criação. O eixo central que norteia essa comunhão é o próprio amor de Deus, como foi exposto pelo apóstolo João na frase: “Deus é amor” (Jo. 4:16). Buscar conhecer a Deus envolve uma aproximação desse sentimento que é capaz de *re-humanizar* e despertar para compaixão em relação ao próximo, bem como para o amor, a bondade e, também a generosidade almejada por Dickens. A respeito disso, o próprio Jürgen Moltmann, teólogo alemão, afirmou que:

Amor é a autocomunicação do bem. Ele é a capacidade, inerente ao bem, de sair de si mesmo, de transferir-se para outro ser, de participar do outro ser e de entregar-se por um outro ser. [...] O amor deseja viver e dar a vida. Ele deseja abrir a liberdade à vida.¹⁸

A autocomunicação de Deus pode ser resumida na ação que Ele exerce perante a Sua criação. Se Ele está presente no mundo por meio do seu Espírito Santo, Ele se autocomunica através desse Espírito, tendo Jesus Cristo como intermediador da fé, por meio da salvação que realiza no ser humano. A relação deste tópico com a história dickeniana se depara com a simples questão: a generosidade e a bondade que o autor procura na natureza humana é entregue pelo próprio Deus que a criou, por meio de Seu Espírito. Desta forma, uma das responsabilidades daqueles que se ocupam em pensar acerca do mundo e das suas condições sociais, reside em despertar as consciências que vivem em uma existência de faz-de-conta, assim como Scrooge o fazia:

¹⁸ MOLTSMANN, 2000, p. 70-72.

[...] Ora, Feliz Natal! Basta de Feliz Natal! O que é o Natal para você, senão a época de não ter dinheiro para pagar sequer suas contas? A época de se dar conta de que está um ano mais velho e nem uma hora mais rico: o momento para fazer um balanço no livro de contabilidade e ver que cada item, nestes doze últimos meses, só lhe trouxe prejuízo? Por mim – continuou Scrooge, indignado –, cada idiota que saísse por aí desejando Feliz Natal deveria ser fervido, misturado junto com seu bolo de Natal e enterrado com um galho de pinheirinho no coração, isso sim!¹⁹

Hugo Assmann, relativamente otimista, afirma:

Hoje me é claro que os humanos não somos naturalmente solidários com o conjunto da espécie. Nossa abertura solidária se restringe a um círculo assustadoramente pequeno de pessoas. É por isso que a afirmação de que a solidariedade supõe conversão profunda aparece com certa frequência em meus escritos mais recentes.²⁰

Compreende-se como “relativamente otimista”, pois Scrooge não se solidarizava nem com o círculo pequeno que Assman cita no trecho acima, que envolve, muito provavelmente, as pessoas íntimas ao seio familiar do indivíduo, com quem o ser humano realmente e, quase inevitavelmente, se preocupa. Parece que mesmo as pessoas muito egoístas teriam em si traços de humanidade que as conduziriam para isto. Mas diante dos problemas dos sistemas ficam as perguntas: como uma pessoa pode ser plenamente humana no mundo? Alguém pode ter em si e manifestar na vida toda a auto-comunicação do bem, por meio do amor de Deus em seu coração, convivendo em sistemas humanos?

A resposta à essas perguntas poderá estar na articulação da pericorese. Conforme essa teologia, sendo criado à imagem e semelhança do Pai, é possível que qualquer indivíduo seja completamente humano, resistindo a qualquer ato dominador, de subjugo, e sentindo a dor da compaixão, a alegria do amor e o prazer da generosidade. Nisso, a dúvida se

¹⁹ DICKENS, 2003, p. 14.

²⁰ SUSIN, 2000, p. 121.

refaz: para muitas pessoas, por que a escolha pelo amor e pela bondade é tão mais difícil? Orlando E. Costas ao tratar sobre a cegueira no âmbito da fé explica da seguinte forma: “[...] Os cegos também são os gentios, que carecem da luz, da revelação de Deus. Eles também são Israel, os quais tendo tido [a revelação de Deus], a distorceram. [...]”²¹

Costas esclarece que a criação de Deus era perfeita, até o pecado a corromper, chegando ao ponto de impedir, muitas vezes, que o indivíduo enxergue a realidade visível. Além disso, esse mal também dificulta a percepção da necessidade da luz, no caso da fé, e da revelação de Deus em suas variadas formas de manifestação. Essa distorção não é somente um ato não-cristão, como ele afirmou, como também está presente na consciência dos “participantes de Israel”.

Por fim, ao ser verdadeiramente justificado pela fé, como Elsa Támez afirmou, deve-se abandonar a cegueira da qual Orlando Costas comenta. Logo, a preocupação com o outro e o cuidado da criação, se torna um modo de vida que deve ser demonstrado por aqueles que almejam a igualdade, a homogeneidade e a justiça.

Não se sabe as intenções de Dickens com sua história, mas sabe-se que ela não foi escrita somente com a ideia de apresentar um enredo romanceado. Havia um propósito, certamente. Todavia, restam as possibilidades hermenêuticas em diálogo com a Teologia, além de outras áreas do conhecimento humano, e a esperança cristã conforme Hugo Assman:

É duro corrigir os sonhos e ao mesmo tempo continuar sonhando.
É duro aceitar que não se visualiza nenhuma virada grande, mas que isso não quer dizer que não se possa cultivar entusiasmo e alegria de viver com serenas esperanças tópicas e tangíveis.²²

²¹ COSTAS, Orlando Enrique. *The integrity of mission, the inner life and outreach of the church*. Nova York: Harper & Row, Publishers, 1979. p. 71. Tradução própria.

²² SUSIN, 2000, p. 121.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de um indivíduo assumir uma postura desumanizada, perante uma situação de injustiça, o torna culpado, pois ele se permitiu desumanizar para isso. Ele possui condições racionais e teológicas para adotar um comportamento oposto, pois, tanto quanto o pecado possa estar nele e em sua volta, o bem divino também está. Isso significa que o ser humano não somente é capaz de se decidir pelo mal ou pelo bem, como o faz, mesmo que inconscientemente, seja sob o teto de um sistema desumanizador, seja diante de uma religião moralizadora.

Por conseguinte, Scrooge permitiu-se desumanizar no sentido em que se submeteu durante toda a sua vida ao mecanismo banal dos sistemas da época e se fez egoísta. Por isso, pode-se afirmar que ele é culpado, pois não enxergou humanamente aos outros em seu caminho. Conforme Jacob Marley isto é passível de punição, não por uma ação divina, mas como caminho inevitável das próprias ações:

- Você está acorrentado – disse Scrooge, tremendo. – Diga-me o por quê.

- Carrego a corrente que fiz em vida – respondeu o Fantasma. – Fiz cada um destes elos, metro por metro, e enrolei-os em volta da cintura, por minha livre vontade, e por livre vontade arrastoo-os por toda a parte. Olhe para esta corrente, não se parece com alguma que você conhece?

Scrooge tremia cada vez mais.

- Ou você saberia o peso e o comprimento da corrente que você mesmo carrega? Há sete Natais, ela era tão pesada e comprida como esta. Desde então você tem feito de tudo para aumentá-la, e agora ela está pesadíssima!

Scrooge olhou ao redor, por toda a peça, esperando se ver rodeado por uma imensa corrente de ferro. Mas não conseguiu ver coisa alguma.²³

²³ DICKENS, 2003. p. 14.

Como se percebe no trecho, Marley carrega o peso dos erros que cometeu em vida, bem como o seu colega Scrooge, que não enxergava a própria corrente.

Em contrapartida, Moltmann se posiciona em prol de um amor sofredor de Deus, em que Ele não somente enxerga toda a banalidade humana e suas consequências como, por amor, decidiu estar lado-a-lado sofrendo com a sua criação,

Quanto à passagem de Sl. 18:36, que segundo Lutero reza: “Quando me humilhas, me engrandeces” – os rabinos o entendiam desta forma: “Grande em mim revelas a tua auto-humilhação”. Até o final dos tempos, o Todo-poderoso se humilha. Ele é grande, mas olha para o que é pequeno. Ele reina nos céus, mas habita junto às viúvas e aos órfãos. Como um servo, empunha o facho para Israel através do deserto. Como serviçal, carrega o povo com todos os seus pecados. Assim, o excelso vai ao encontro dos homens nas suas coisas pequeninas e desprezíveis. Essas auto-humilhações devem ser entendidas como as acomodações de Deus às fraquezas humanas. Mas, como adaptações do amor eterno, elas são ao mesmo tempo uma antecipação da universal co-habitação com a glória eterna de Deus.²⁴

Dessa forma, diante do sistema desumanizador e da punição que abrange toda a submissão inconsciente – o que anula a percepção do sofrimento do outro – a ideia de ter um Deus que acompanha a humanidade em suas decisões e também no que elas acarretam, torna a Sua justiça muito mais afável ao coração uma vez que Ele não se isola da condição humana, mesmo em sua corrupção, mas se mostra próximo a ela, chamando à vida e, portanto à uma nova humanização.

²⁴ MOLTSMANN, 2000, p. 41.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- COSTAS, Orlando Enrique. *The integrity of mission: the inner life and outreach of the Church*. Nova York: Harper & Row, Publishers, 1979.
- COSTAS, Orlando. Enrique. La vida en el Espíritu. *Boletín Teológico*, n. 18, 1986.
- DICKENS, Charles. *Um conto de natal*. São Paulo: L&PM, 2003.
- _____. *A Christmas Carol*. London: Harper Press, 2013.
- GILBERT, Elliot L. *The ceremony of innocence*. *MLA*, v. 90, n. 1, p. 24, Jan. 1975.
- KELSON, Ruth. *Hannah Arendt e o âmbito do conceito de banalidade do mal*. PUC-SP, São Paulo, 2011.
- MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e reino de Deus*. Porto Alegre: Vozes, 2000.
- SUSIN, Luiz Carlos. *E o mar se abriu*. São Paulo: Loyola, 2000.
- TAMEZ, Elsa. *Contra toda condena*. Costa Rica: Ediciones SEBILA, 1991.